

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 0000-0000

Vol. 1 | N°. 1 | Ano 2014

David José Silva Santos

NUPEC

negrovermelho1@gmail.com

PREGANDO RASTAFÁRI POR ENTRE AS NOTAS MUSICAIS: AS MENSAGENS DOS RASTAS DE ALAGOAS TRANSMITIDAS PELAS CANÇÕES

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o discurso dos rastafáris de Alagoas em suas músicas reggae e “Nyahbinghi”. Essa análise focará aspectos ligados ao estilo de vida Rastafári, adoração e críticas sociais. Como base teórico-metodológica utilizo a técnica da “análise do discurso” proposta por Foucault (2012), Cavalcante (1999), a teoria sobre religião de Durkheim (2000) e questões referentes à História e memória sob a ótica de Achugar (2006). A presente análise também indicará como a música é utilizada como forma de resistência e alternativa para a transmissão de mensagens religiosas e políticas.

Palavras chave: Rastafári; reggae; Alagoas.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the speech of Alagoas Rastafarians in their reggae and Nyahbinghi music. This analysis will focus on aspects related to the Rastafarian lifestyle, worship and social criticism. As theoretical and methodological basis we use the technique of "discourse analysis" proposed by Foucault (2012), Cavalcante (1999); Durkheim's theory of religion (2000) and questions about history and memory following the perspective of Achugar (2006). This analysis will also indicate how music is used as a form of resistance and an alternative to the transmission of religious and political messages.

Key-words: Rastafari; reggae; Alagoas.

Site/Contato

www.capoeirahumanidadeseletras.com.br

capoeira.revista@gmail.com

Editores

Marcos Carvalho Lopes
marcosclopes@unilab.edu.br

Pedro Acosta-Leyva
leyva@unilab.edu.br

PREGANDO RASTAFÁRI POR ENTRE AS NOTAS MUSICAIS: AS MENSAGENS DOS RASTAS DE ALAGOAS TRANSMITIDAS PELAS CANÇÕES

David José Silva Santos ¹

1. INTRODUÇÃO

A cena do Movimento Rastafári em Alagoas está focada nas cidades de Maceió e União dos Palmares. Na capital alagoana a adesão ao movimento dos músicos da banda “Vibrações” Luís de Assis, e Lucas “Natureza” ocorreu pela via do reggae. Esses poucos adeptos compreendem Rastafári como um movimento político e espiritual de resgate identitário, e o vivenciam cotidianamente de forma independente. Vale ressaltar que embora percebam os aspectos religiosos presentes no Movimento Rastafári, os rastas de Maceió não compreendem o referido movimento como uma religião (SANTOS, 2014). Em União dos Palmares, “Quilombola de Zion” - único rastafári de União - ingressou no movimento através do contato com rastafáris de outras partes do Brasil assim se tornando membro da “Ordem Boboshanti” ².

Como forma de propagação da mensagem Rastafári os rastas acima citados, se utilizam do reggae e do “Nyahbinghi”, com letras carregadas de teor religioso, racial e político, para se manterem na resistência contra os males da “Babilônia” ³.

Assim irei realizar uma interpretação de letras de músicas produzidas pela banda “Vibrações” ⁴ da cidade de Maceió, assim como do cantor “Quilombola de Zion” (também conhecido como Thiago Correia) ⁵ de União dos Palmares.

Darei destaque às músicas que verbalizam o modo de vida Rastafári; questões ligadas a liturgia - voltadas para a adoração a divindade -, como também o caráter de crítica social contido nas letras.

Tomarei como base teórica para a análise do(s) discurso(s) a visão de Foucault (2012, p.10) que diz:

¹ Possui Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2014). Coordenador do Núcleo de Pesquisas, Formação Étnica e Cultura (NUPEC) do Instituto do Negro de Alagoas (INEG/AL). Contato: negrovermelho1@gmail.com.

² O movimento Rastafári possui diversas vertentes e organizações uma delas é a “Ordem Boboshanti” criada por King Edward Emmanuel na Jamaica na década de 1950.

³ No universo Rastafári a “Babilônia” pode possuir diversos significados. Podendo ser entendida como o local de exílio dos africanos desterrados de sua terra natal África. Como também ser a forma de denominar o mundo “branco-ocidental-capitalista” que construiu sua riqueza através da escravidão dos africanos, dentre outras formas.

⁴ As letras da banda Vibrações foram extraídas do site: <http://letras.mus.br/vibracoes-rasta/>. Também podem ser encontradas no site: <http://www.vibracoes.com.br/>. Acesso em 16/12/2013.

⁵As músicas do Quilombola de Zion estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/quilomboladezionjahagoas?fref=ts>. Acesso em 18/12/2013.

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

Compreendendo também que os discursos possuem as mensagens tanto explícitas como implícitas estas por sua vez são “[...] de responsabilidade do interlocutor, pois é trabalho de interpretação. É um mecanismo discursivo que faz o outro (interlocutor) dizer, no lugar do enunciante” (CAVALCANTE, 1999, p.156).

Convém destacar que a compreensão que tenho acerca do Movimento Rastafári é que o mesmo pode ser considerado um movimento sociopolítico religioso. Sociopolítico devido a influência das ideias pan-africanistas do ativista jamaicano Marcus Garvey. Ideias que propõem “[...] a luta pela libertação dos povos africanos em todos os lugares onde se encontrem” (NASCIMENTO 2008, p.161). Os aspectos religiosos do Movimento Rastafári podem ser percebidos através dos símbolos, adoração, divindade e rituais. Tomando como perspectiva teórica a concepção de Durkheim (2000), em sua obra “*As formas elementares da vida religiosa*”, o referido autor constrói a teoria de que há características comuns em todos os fenômenos religiosos e que essas características impedem que se confunda religião com outros fenômenos não religiosos.

Essas características são os ritos e as crenças e o conjunto de relações de coordenação e subordinação entre ambos os conceitos, é por Durkheim chamados de religião. Dito de outra forma, religião consiste na relação do que é considerado sagrado - podendo ser uma divindade, espíritos, elementos ou fenômenos da natureza dentre outros - com o que é considerado profano. Esses dois fenômenos são considerados pelo referido autor como dois gêneros opostos e a aproximação de ambos não se dá sem que a natureza desses seja, de alguma forma, modificada.

Assim, é possível encontrar elementos que caracterizam o Movimento Rastafári com aspectos religiosos tendo essa relação com o que é considerado sagrado no caso a divindade (Jah) e o que é profano no caso os adeptos do movimento.

Veremos a seguir como nessas músicas estão traduzidas as lutas, as aspirações e as pregações dos rastafáris de Alagoas. Iniciarei com a banda de reggae de Maceió “Vibrações”. As inspirações musicais da banda são o reggae raiz ou reggae da antiga escola, como dito por Luís de Assis, aliado a sons regionais que alimentam as músicas compostas pelo referido cantor.

2. REGGAE RASTA E “NYAHBINGHI” EM TERRAS ALAGOANAS

Iniciarei a análise com a música “Natureza Mãe” pertencente ao primeiro CD ⁶ da banda intitulado *Vibrações Rasta* lançado em 2002

NATUREZA MÃE (Vibrações)

Natureza mãe, esse é o culto em seu louvor
 Hoje eu acordei cedinho pra ver o seu jardim de flor
 Beber água na cachoeira, me cobrir com seu lençol
 Subir alto na mangueira pra ver o nascer do sol
 Comer jaca, pinha, melão e caqui
 Respeitando o macaco e o bem-te-vi
 Tomar fôlego e cantar com o sabiá
 Que também veio louvar
 Iê iê iê iê iêeo
 Iê iê iê iêeo
 Jah Jah Jah, meu pai
 Não posso desmerecer
 Porque eu me sinto tão feliz na raiz
 Que só tenho a agradecer
 Vou correr solto pelos campos
 Dar um mergulho no mar
 Vou tentar pegar umas ondas
 Tudo pra me energizar
 Vou comer carne de coco
 Macaxeira natural
 Há quem pense que estou louco
 Mas na verdade eu tô astral.
 Iê iê iê iê iêeo
 Iê iê iê iêeo
 (Natureza mãe... Natureza mãe)
 Olhe pra terra... veja o quanto é bela..
 se você não cuidar...nada vai restar

Os rastafáris possuem vários símbolos e signos que remetem a sua cultura e consequentemente os identifica. Um desses é a alimentação conhecida como “*Ital food*”. Nessa música fica perceptível a mensagem para uma alimentação com base vegetariana e um modo de vida mais próximo à natureza. Embora seja difícil essa maior proximidade com a natureza uma vez que os integrantes dessa banda vivem na capital alagoana, ou seja, um ambiente essencialmente urbano.

Essa música também teve uma versão gravada em parceria com o músico “Quilombola de Zion”, e em alguns momentos (shows) esses artistas dividiram o palco como, por exemplo, em novembro de 2013 em União dos Palmares.



Figura 1 Quilombola de Zion (a esquerda de preto) e Luís de Assis dividindo o palco em show realizado em União dos Palmares em novembro de 2013. Foto do acervo da banda Vibrações.

O reggae também serve como um ritual litúrgico ⁷, pois muitas de suas letras contêm diversas mensagens de adoração e pregação. Isso fica explicitamente demonstrado no trecho (“natureza mãe esse é o culto em seu louvor”) como também (“Jah, Jah, Jah meu pai eu não posso desmerecer”).

Outro exemplo da utilidade do reggae como ritual litúrgico pode ser visto na canção “Destemido Leão” do CD intitulado *Ciclo* lançado em 2006.

DESTEMIDO LEÃO

(Vibrações)

Todos os dias eu acordo a pensar
Na dureza que temos de enfrentar
Me pergunto por que tanto sofrimento
Só o Supremo ouvirá os meus lamentos
É escravidão mental
Um mar de preconceitos.
Não nos dão escolhas
(Não, não dão)
O sistema não nos dá direitos
Ó Leão, da tribo de Judá
Ó Leão, venha nos libertar
Ó Leão, destemido Leão
Conquistador da tribo de Judá
Chegará o dia da total libertação
Brancos e negros, somos todos irmãos

⁶ Os quatro primeiros CDs da banda “Vibrações” foram gravados de forma independente. O último (quinto CD) lançado em 2013 CD de comemoração de 15 anos da banda foi gravado pelo selo “Quilombo”.

⁷ Compreendem celebrações religiosas, como por exemplo, uma missa católica, ou as cinco orações públicas diárias dos muçulmanos (*salats*). Entre grupos rastafáris esses rituais podem ser cerimônias de cânticos de louvores a “Jah” ao som de tambores (Nyahbinghi), ou ainda, expressos nos shows com a transmissão das mensagens de adoração através do reggae.

E essa liberdade, só depende de nós
 Se nos unirmos e formarmos uma só voz
 Não vou desanimar (Não vou)
 Sei que ele virá, virá, virá
 O Leão virá de repente
 E libertará nossa gente!
 Ó Leão, da tribo de Judá
 Ó Leão, venha nos libertar
 Ó Leão, destemido Leão
 Conquistador da tribo de Judá

Observa-se nessa música a referência a outro símbolo rasta o “Leão de Judá” que por sua vez remete ao Messias. Nos trechos (“Só o supremo ouvirá os meus lamentos”) e (“Ó Leão venha nos Libertar”) observa-se a busca pelo que é considerado divino - no caso o Leão da Tribo de Judá, o Messias - como solução para os problemas sofridos pelos rastas.

Outra questão relevante é vista no trecho (“É escravidão mental”), (“Um mar de preconceitos”). (“Não nos dão escolhas ‘Não, não dão”), (“O sistema não nos dá direitos”). Neste trecho é possível fazer relação direta com a questão da ideologia que de acordo com Cavalcante (1999, p.151):

Se aceitamos como função da ideologia o papel de seleção, hierarquização dos elementos culturais, podemos concluir que as formações ideológicas constituem matrizes comuns a um conjunto de discursos que expressam posições assumidas pelos sujeitos em diferentes práticas sociais.

Dessa forma compreendo que o “sistema” ao qual se refere a música representa a ideologia dominante que produz as desigualdades dentre elas o racismo contra o povo negro. Utilizando-se para isso de diversos aparatos como, por exemplo, os meios de comunicação. Esses meios “quase nunca se mostram, mas se alojam nas entranhas do discurso, à sombra das palavras” (CAVALCANTE, 1999, p.155).

Assim agem constantemente alienando e aprisionando a população oprimida numa, como diz a música acima, “escravidão mental”. A música “Resistência” do CD *Rústico* lançado em 2005 trata esse assunto de certa forma bem didática, ao definir que uma das (“armas do sistema é a desinformação”).

RESISTÊNCIA
(Vibrações)
 Guarde na memória
 O que agora vou cantar
 Muito do que rola
 Ninguém vai te contar
 Guarde na memória
 O que agora vou cantar

Muito do que rola
Ninguém vai te contar
Cabe a você, arme sua antena
Procure saber, fique atento irmão
Uma das armas do sistema
É a desinformação [...]

Como contraponto e ainda dentro da discussão referente a ideologia compreendo também que “toda ideologia só existe em sua relação dinâmica e contraditória com as demais” (PERRUS, 1984, p.35). Assim os músicos estudados nesse trabalho possuem um discurso de incentivo e de proposta de luta contra a ideologia dominante a que os mesmos denominam de “Babilônia”.

ZUMBI VIVE
(Vibrações)⁸

Os ideais de zumbi servem pra mim
E a arma do guerreiro mandingueiro é a união.
E é no seu exemplo forte que eu vou me virar,
Meu povo foi escravizado,
Pode crer que vou lutar.
Reggae é a voz do resistente,
A lança do combatente,
Aquele que tem sede de justiça,
E ânsia por liberdade... (repete)
Zumbi vive, sei que vive
E está a nos encorajar.
Zumbi vive, ele vive,
E permanecerá. (refrão)

Hugo Achugar (2006, p.222), discorrendo sobre a relação de história e memória ressalta a importância desta como sendo “poderosamente viva” sendo muito mais do que um mero sistema de armazenamento e recuperação.

O autor acima citado versa ainda sobre a memória como construção cultural do presente, agindo esta como uma zona intermediária, “um equilíbrio instável entre o passado, presente e futuro”. (Ibidem, p.222).

Assim a música “Zumbi Vive” e outras que veremos adiante apresentam as características descritas nos parágrafos anteriores, ou seja, a busca de referenciais históricos do “passado” para construir a luta no presente. O trecho (“Os ideais de Zumbi servem pra mim”) ou (“E é no seu exemplo forte que eu vou me virar”), (“Meu povo foi escravizado”), (“Pode crer que vou lutar”), é possível observar claramente a busca no referencial do passado - em especial na figura de Zumbi - para inspirar a luta da comunidade negra no presente.

“Quilombola de Zion” também se utiliza desse referencial para construir a luta diária. Em sua música “O negro de União dos Palmares” essa afirmação fica explícita.

⁸ Essa música integra o CD *Quilombagem* lançado em 2010.

O NEGRO DE UNIÃO DOS PALMARES
(Paulo Luna / Thiago Correia)

O negro de União dos Palmares – oh Jah!
 O negro de União dos Palmares
 O negro de União dos Palmares – Jah Jah!!!
 Ainda senti na cor, em suas mãos calejadas, de quem muito, trabalhou.
 Quebrando pedra limpando mato - oh Pai
 A maior parte não estudou,
 Mas de trezentos anos se passaram e a nação de Zumbi,
 Não se libertou.
 A quem eles querem enganar,
 Chamando de rei libertador,
 De herói, nacional, e seus descendentes sendo tratados sem nenhum valor.
 A quem eles querem enganar – oh Jah!
 Chamando de rei libertador,
 De herói, nacional, e seus descendentes sendo tratados sem nenhum valor.
 [...]Zumbi é a ponte que liga África
 A Serra da Barriga -África.
 Es a ponte que liga - Africa
 A Serra da Barriga – África[...].
 Negros não são só negros levados no gaiolão,
 Tem mulheres e crianças, mestiça escravidão,
 Não se foram seus senhores,
 Não se foram seus capatazes,
 Abaixo o preconceito e a hipocrisia,
 Salve salve Deus todo santo dia.
 Uma mãe, reza no alto da favela,
 Mamãe, ora por todos nós.

Mais uma vez Zumbi dos Palmares é usado como referencial de luta contra as desigualdades sociorraciais do Brasil, em especial Alagoas. A música ainda atenta - de forma implícita - para o fato do sistema dominante se utilizar de termos como “Rei libertador” para mascarar as desigualdades, algo recorrente em Alagoas. Só pra exemplificar, o nome do aeroporto é Zumbi dos Palmares, assim como outras repartições possuem nomes que remetem a luta do Quilombo que teve Zumbi um de seus líderes.

Enquanto isso Alagoas é o Estado onde a juventude negra é constantemente assassinada, além de uma considerável parcela desta população viver em precárias condições⁹. Logo o trecho (“A quem eles querem enganar”), (“Chamando de rei libertador”), (“De herói, nacional, e seus descendentes sendo tratados sem nenhum valor”), (“A quem eles querem enganar – oh Jah”), é por mim caracterizado dessa forma, ou seja, ao nomear repartições públicas e o aeroporto com nomes que remetem a luta negra tenta se passar uma imagem de respeito e integração, sendo que não é isso que se observa.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/t/edicoes/v/pesquisa-revela-que-alagoas-e-o-estado-onde-mais-se-mata-homens-negros-no-pais/2966202/>. E para maiores detalhes ver: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20607.

Em uma versão da música de Bob Marley “*Soul Rebel*”, intitulada “Sou Nativo”¹⁰, a banda Vibrações destaca a busca pela vida natural já discutida acima, relacionando a forma de vida Rastafári como nativa, remetendo também ao cabelo (*dreads*) ou como dito na letra *Natty Dread*.

SOU NATIVO

(**Vibrações**)

Refrão

Sou Nativo

Quero desfrutar, do presente que ganhei de Jah.

Veja meu *Natty Dread*, ele é natural.

Não me vê como um anormal

Lembre-se de Jesus, ele está aqui, cara mais largado
eu não conheci.

Sou Nativo eu sou !

Refrão

Olhe para a Natureza, ela quer sorrir, mas o homem já aprendeu a se destruir.

Tantos males são guerra e poluição

isso tudo é um espinho em meu coração!

Sou nativo eu sou, sou nativo *Natty Dread* e

quero desfrutar do mundo natural, do presente

que ganhei de Jah

Não quero ser Rei, nem Imperador, o homem de Jah quer viver na Lei do AMOR!

Sou nativo eu sou, sou Nativo, *DreadLock*

quero desfrutar do que ganhei de Jah.

(Do presente que ganhei de Jah)

Sou nativo, sou nativo, sou nativo eu sou

Sou nativo, sou nativo, sou nativo eu sou, eu sou, eu sou pode ver meu *Natty Dread*

Sou nativo, sou nativo

Eu sou Rastafári ! Rastafári

Natty Dread, Natty Dread

Eu sou *Dread Lock*, o Jah eu sou!

Refrão

Jah Rastafári sou seu fiel pregador!

Outra característica marcante entre os rastas está presente nessa música como a pregação do amor e a justiça, além da crítica a males oriundos da sociedade capitalista como as guerras e a poluição.

Além do reggae, gênero musical já há muitos anos consagrado, o músico “Quilombola de Zion” também faz uso do “*Nyahbinghi*”, que originalmente é o som dos tambores com ritmo semelhante às batidas do coração, como também faz uso de outra vertente do reggae no caso o *Riddim*¹¹. Dessa forma tanto a banda “Vibrações” quanto o “Quilombola de Zion” na busca pela

¹⁰ Essa música foi lançada em meados da década de 1990 de forma independente, gravada ao vivo.

¹¹ De acordo com Falcón (2012, p.59) “*Riddims* jamaicanos são bases instrumentais criadas para que vários MCs gravem versões com letras diferentes”. Podendo também ser retiradas partes de músicas já existentes para a criação de uma música nova, como o “Salmo 126” do “Quilombola de Zion”.

propagação da Cultura Rastafári musicalizam diversas passagens bíblicas como foi visto acima e podendo observar nas letras que seguem.

RIDDIM (SALMO 126)

(Thiago Correia)

Semeando com lágrima ceifo em meio a canções.
 Vamos andando e chorando levando a semente.
 Ao regressar voltamos cantando Trazendo nossos feixes.
 Quando JAH mudar a sorte de seu povo,
 Parece até um sonho: A nossa boca se enche de riso,
 E a nossa língua de canções.
 Até entre as nações se comenta: “JAH é grande com eles!”. (Salmo 126)
 A nossa boca se enche de riso,
 E a nossa língua de canções.
 Até entre as nações se comenta: “JAH é grande com eles!”.
 É, sim, JAH é grande conosco!
 É, sim, DEUS é grande conosco! - “AMAN!”
 Sim, vou cortando e limpando, Limpando e cortando!
 Cortando e limpando, Em meio às canções.
 Vamos, cortando e limpando, Andando e chorando...
 Sim vou! Cortando e limpando em meio as canções.
 É, sim, JAH é grande conosco!
 É, sim, DEUS é grande conosco! – “AMAN!”

O “Nyahbinghi” é a música mais utilizada pela “Ordem Boboshanti”. Alguns de seus membros consideram o reggae um ritmo pagão e chegam a se referir ao mesmo como satânico. De acordo com o sacerdote “Kes Ricardo Red Lion”¹² praticamente toda forma de reggae é interpretado como satanismo, essa percepção também pode ser vista na opinião de outros membros dessa “ordem” que estão expostas no site dessa organização. Nesses relatos que veremos abaixo o reggae além de considerado satânico é também mencionado como uma música de morte que não desenvolve o espírito.

Honorável Sacerdote Wesmore Harvey:

Lembre-se que o reggae é a música, você sabe, por trás das palavras, ver? Então você pode cantar algo certo no ritmo, e quando escuta outra vez é incorreto, você sabe, então há uma contradição que não ensina nada a ninguém. O ensino de Nosso Pai nos diz (como é o Pai é o Filho) que o reggae é satanismo. Muitas pessoas rastas participaram do reggae, e acabaram mortos, como o rei do reggae, você vê.¹³

Honorável Sacerdote Wilton:

¹² Sacerdote Rastafári brasileiro da “Ordem Boboshanti”.

¹³ Esses relatos foram extraídos do site ‘<http://www.black-king.net/portugues/videos/index.htm>’, pertencente a “Ordem Boboshanti”, onde é possível encontrar diversos outros relatos com esse enfoque. Acesso em 19/12/2013.

Damos graças outra vez pelo Doador de Vida quem ensina a I&I (nós) a Verdade para que I&I (nós) possa reconhecer o bem e o mal, Selassie I jah Rastafari. Nós sabemos que Nosso Pai disse, já sabes, o reggae é uma musica que não desenvolve o espírito, você sabe, é uma música de morte, você sabe, da mesma forma, uma filosofia de morte, você sabe, o reggae não poderia levar nada ao correto, você sabe, como discutimos, cada vez mais o reggae traz mais criminalidade e violência.

É perceptível dentro dessa visão de mundo, que a relação com a “Babilônia” “contamina” o reggae com a política, a violência e a morte. Sendo assim para os “Boboshantis” essa música (o reggae) afasta as pessoas da cultura Rastafári levando-as a adorar a música e os astros do reggae ao invés de “Jah”.

Por outro lado, essa visão não é hegemônica entre os “Boboshanti”, uma vez que músicos de reggae como o cantor argentino “Fidel Nadal”, “Dada Yute” e o próprio “Quilombola de Zion” trabalham com o referido estilo musical como compositores e cantores. Os três inclusive são profetas coroados pela referida “ordem” Rastafári.

Essa visão, de certa forma, radical e ortodoxa ocasiona certa rejeição e afastamento da comunidade negra, uma vez que o reggae, um ritmo musical como tantos outros, foi e é uma arma do povo negro de crítica social contra a opressão vivida.

Abaixo é possível observar dois Nyahbinghis do “Quilombola de Zion”.

EMANUEL

(Thiago Correia)

O Mestre está presente aqui agora
O Mestre está presente aqui agora "Ele está no intimo de nós"
O Mestre está presente aqui agora
O Mestre está presente aqui agora "Ele está no intimo de nós"
Pois onde dois ou três Reunidos em seu nome o Pai e está também
Pois onde dois ou três Reunidos em seu nome o Pai e está também
Amamos o nosso Deus de todo coração e de toda nossa alma;
e de todo entendimento O-adoramos ôh grandioso JAH.
Amamos o nosso próximo como a nós mesmo.
O Mestre nos ensinou esses grandes mandamentos!
Suas palavras é que nos guia para o seu eterno reino.
Que nosso povo seja lavado com o sangue do cordeiro.
JAH RASTAFARI!!!

QUEM TE VIU, QUEM TI VÊ

(Thiago Correia)

Eu me separei do cortejo que segue pra morte e junto comigo veio Mama Omega,
Jah Haile Selassie I ,Jah Haile Selassie I
Olhando de cima o fundo do poço me lembro como foi, anos atrás,
recordei que estava no buraco,
vestido de trapo sem o pão de cada dia sem água e fraco, jogado aos bichos que queriam me morder,
mas depois de batizado quem ti viu quem ti vê.
Filho coroado, refugiado de Babilônia,

Lá do fundo do poço que a mão de Mama, é quem nos tira e nos dá lugar de honra.
 Filho abençoado, refugiado de Babilônia,
 Lá do fundo do poço que a mão de Mama, é quem nos tira e nos dá lugar de honra,
 King Jah Rastafari é quem nos tira, Rei Joavia Jah é quem nos dá,
 Haile selassie I, é a lamparina , Deus filho Yeshua Rastafari I.
 Jah Haile Selassie I , Jah Haile Selassie I
 King Jah Rastafari é quem nos tira
 Rei Joavia Jah é quem nos dá,
 Haile selassie I, é a lamparina , Deus filho Yeshua Rastafari I.
 Jah Haile Selassie I Jah Haile Selassie I

É perceptível nas letras a referência a King Emmanuel considerado o Jesus Negro pela “Ordem Boboshanti”, como também a Selassie e a imperatriz Menen (esposa de Selassie) “Mama Omêga”.

Além disso, há a referência ao batismo e a coroação como formas de se libertar da “Babilônia” - o mundo branco ocidental capitalista - onde a vida dentro deste sistema é estar como diz o trecho da música (“vestido de trapo sem o pão de cada dia sem água e fraco, jogado aos bichos”).

Dessa forma compreende-se que como intelectuais orgânicos os rastafáris de Alagoas fazem uso da música - reggae, “Nyahbinghi” e outras vertentes - para transmitir a mensagem Rastafári e por extensão alertar a comunidade negra para a necessidade de organização contra os causadores dos problemas sofridos por ela.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apontou como alguns rastas de Alagoas transmitem suas mensagens através da música. Nessas mensagens foi possível observar diversas características do movimento Rastafári como a alimentação (*Ital food*), adoração a “Jah” utilizando o reggae como ritual litúrgico e críticas ao sistema (Babilônia). Nessas críticas estão expostas diversas mazelas que foram/são cometidas contra o povo negro ao longo da história como, por exemplo, a escravidão e o racismo.

Assim esses militantes rastafáris de Alagoas buscam em suas letras interpretar o mundo a sua maneira, pregando o amor e a justiça, alertando a comunidade negra e propondo soluções contra os males da “Babilônia”.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. Belo Horizonte: Humanitas, 2006.
- CAVALCANTE, M. do Socorro Aguiar de Oliveira. “Implícitos e silenciamentos como pistas ideológicas”. **Leitura- Análise do Discurso**. Maceió: EDUFAL, 1999, n.23, p.149-163.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FALCÓN, Bárbara. **O reggae de Cachoeira:** produção musical em um porto Atlântico. Salvador: Pinaúna, 2012.

FOUCULT, Michel. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. As lutas africanas no mundo e nas América. *In:* NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matriz africana no mundo.** São Paulo: Selo Negro, 2008. p.141-182.

PERRUS, Françoise. “Cultura, ideologia, formaciones ideológicas y prácticas discursivas”. **Cuadernos de teoria y análisis.** México, n. 5, p.29-39, 1984.

SANTOS, D. J. S. **Uma Babilônia chamada Alagoas:** cultura Rastafári nas terras do sol e de Zumbi. 2014. 124f. Dissertação (Mestrado)- Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

INTERNET

<http://letras.mus.br/vibracoes-rasta/>. Acesso em 16/12/2013.

<http://www.vibracoes.com.br/>. Acesso em 16/12/2013.

<https://www.facebook.com/quilomboladezionjahalagoas?fref=ts>. Acesso em 18/12/2013.

<http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/t/edicoes/v/pesquisa-revela-que-alagoas-e-o-estado-onde-mais-se-mata-homens-negros-no-pais/2966202/>. Acesso em 18/12/2012.

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20607 Acesso em 18/12/2013.

<http://www.black-king.net/portugues/videos/index.htm>. Acesso em 19/12/2013.

David José Silva Santos

É Possui Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (2014). Coordenador do Núcleo de Pesquisas, Formação Étnica e Cultura (NUPEC) do Instituto do Negro de Alagoas (INEG/AL). Contato: negrovermelho1@gmail.com.
